

Última vítima da doença mora em Souza e leva vida saudável

ÂNGELA LACERDA 119

SOUZA, Paraíba — Devaneide Rodrigues Gonçalves, 31 anos, ainda hoje não acredita quando vê seu filho Deivson, 7 anos, correndo, subindo em árvores e brincando como qualquer criança. Deivson foi o último caso de poliomielite registrado no País, em 19 de março de 1989.

Ele tinha um ano e cinco meses, havia tomado três doses da vacina antipólio no primeiro ano de vida, mas, depois de uma gripe, perdeu totalmente as forças e não conseguia segurar nada nas mãos. Foi levado de Souza, no alto sertão paraibano, onde mora, para João Pessoa, onde fez uma série de exames até que se descobriu o vírus da pólio. "Foi um pesadelo e um milagre", diz

a mãe, que tem outros dois filhos, Diógenes, 9 anos, e Diene, 8.

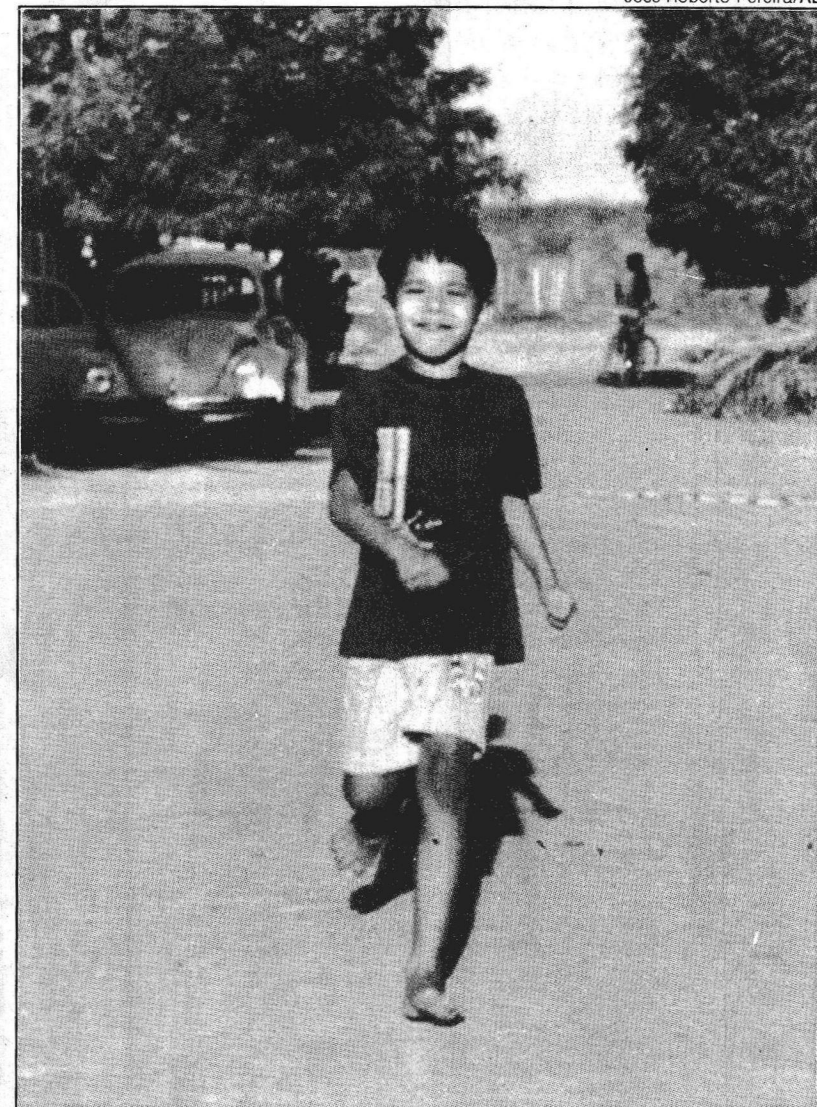
Ela tinha certeza de que ele ficaria paralítico ou até morreria, como tinha acontecido a um irmão seu que contraiu a pólio e morreu com 5 anos. Já o pai de Deivson, João Bos-

co Gonçalves, de 47 anos, nunca perdeu a esperança. "Tenho muita fé em Deus." Fotógrafo ambulante, ele tinha ido a São Paulo tentar juntar algum dinheiro quando soube que o filho estava doente. Voltou imediatamente.

Deivson se recuperou em quatro meses. "Ele sofreu demais e depois de muita vitamina, injeções, medicamentos, massagens e fisioterapia começou a usar pernas e braços como um bebê", conta a mãe. "Primeiro reaprendeu a sentar, depois a engatinhar, até que andou novamente."

Devaneide não entende porque o filho adoeceu, já que foi vacinado. Nem porque ficou bom. A coordenadora de vigilância epidemiológica da Secretaria da Saúde da Paraíba, Laurizete Lira Ribeiro, frisa, entretanto, que não há milagre nem estranheza no caso. "Nem toda pólio deixa seqüela", afirma, ao observar que ele teve o vírus 1 (existem três tipos), que é o mais fraco. A diretora de imunização do Recife, Márcia Maia, levanta ainda a hipótese de Deivson ter contraído o vírus por uma eventual má preservação da vacina, que não suporta alta temperatura.

Deivson não aparenta traumas nem lembra desse período. Estuda numa escola pública, é esperto e alegre. Seu problema é com a dicção. Não consegue pronunciar várias letras, a exemplo do V, S e D, que troca usualmente pelo T. Segundo Devaneide, os médicos já disseram que isso nada tem a ver com a pólio e que ele falaria normalmente se se tratasse com um fonoaudiólogo.



Deivson: garoto reaprendeu a sentar, engatinhar e a andar